JORNAL DO BRASIL 14 JUN 1987

Coluna do Castello

Passando da defesa ao ataque

O Sr. Ulysses Guimarães encarou com esperança e relativo otimismo o pacote com o qual o presidente José Sarney passa pela segunda vez da defensiva para a ofensiva, tentando reverter as expectativas nacionais em torno da capacidade do seu governo de domar situações críticas. Em 1986 ele golpeou uma inflação em ascensão com o Plano Cruzado, com o qual desfez o pessimismo do próprio PMDB que se viu compelido de uma hora para outra a abandonar uma atitude de descompromisso e quase rebeldia por uma participação na receptividade popular a cujo entusiasmo se rendeu e do qual iria se beneficiar eleitoralmente, conquistando vinte e dois governos estaduais expandindo de maneira imprevisível suas bancadas parlamentares.

Naquela época, como agora, o presidente do PMDB foi previamente notificado do plano do ministro da Fazenda, sendo que desta vez teve oportunidade e estado de espírito para melhor discutir item por item as idéias e as soluções propostas, contribuindo com sugestões quase sempre aproveitadas para melhorar a aceitação política do projeto. O presidente da Constituinte, em princípio, acha a estratégia do presidente da República, de passar da defesa ao ataque, perfeitamente válida e entende que a supressão do gatilho salarial pode ser assimilada de vez que foi mantida a equivalência da correção entre preços e salários, mediante a preservação de um tipo satisfatório de indexação.

A esquerda radical deverá insistir, como de praxe, na falta de credibilidade do governo, reivindicando o retorno do gatilho. A tendência, porém, do PMDB, coincidindo com as primeiras reações de opinião pública, é a de prestigiar um projeto de estancamento da crise que atingira níveis insurportáveis e tendia a levar o Sr. José Sarney à marca do pênalti. O presidente, pela segunda vez, surpreende os políticos e a nação com sua capacidade de enfrentar situações extremas com medidas de choque. É, possível que mais uma vez o Sr. José Sarney salte por cima da fogueira, tanto mais quanto associou seu projeto, à abdicação das aspirações que mais o excitavam como governante. O adiamento da ferrovia Norte-Sul terá sido um corte na visão de glória e eficiência de um presidente que assim pratica exemplarmente a virtude da humildade.

Os indícios de sinceridade do Sr. José Sarney, abdicando da idéia de repetir trinta anos depois a aventura de um plano de obras capaz de acelerar o desenvovimento nacional que Juscelino Kubitschek legou ao país, não poderão deixar de sensibilizar as brasileiras e brasileiros a quem se dirigiu repassado de emoção. O presidente soube ir ao sacrifício dos seus sonhos e assimilar um projeto que, reproduzindo em substância o plano cruzado, acrescenta ao primeiro o tempero da previsibilidade das correções cujo cronograma é previamente indicado. O Sr. Bresser Pereira, ciente dos erros de administração do primeiro plano, eliminou da sua concepção a parte onírica do congelamento permanente e da inflação zero, optando por uma previsão aparentemente realista da relatividade dos efeitos de uma estratégia econômica que se aplica com a consciência das suas limitações e da sua precariedade em face de problemas estruturais crônicos.

Espera o presidente José Sarney ter dado fim ao pesadelo que, com anação, viveu de novembro do ano passado até sua presença de anteontem na cadeia nacional de rádio e televisão. O sectarismo político tentará ainda mobilizar reações populares à supressão do gatilho salarial, que se torna instrumento inviável em face da crescente escassez de recursos do setor público e do setor privado, mas a nação, carente de esperança, mais provavelmente confiará no novo projeto de salvação dopresidente da República e do seu ministro da Fazenda.

Os governadores dos estados, com raras exceções, demonstraram-se sensíveis a um projeto de cujo êxito dependerá sua capacidade de enfrentar conjunturas econômicas e sociais que se lhes iam tornando inabordáveis no quadro da hiperinflação e da recessão a que o Sr. José Sarney tenta opor o dique de uma decisão tecnicamente bem formulada. Provavelmente alguns irão insistir na quebra de credibilidade do presidente resultante do erro a que foi induzido por excesso de autoconfiança, dele e do ministro Dilson Funaro, a cujo messianismo se deve parte dos erros a que o governo foi levado no primeiro lance de esperança com que mobilizou o país.

A força da experiência e a indicação de que o tempo não dará ao presidente da República uma terceira oportunidade para saltar a fogueira são fatores que deverão pesar para que melhore a *performance* na execução de um projeto que renova a esperança do país a ponto de poder atender a determinação do presidente de permanecer no governo até 1990.

Carlos Castello Branco